

UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO – UFMA
CENTRO DAS LICENCIATURAS INTERDISCIPLINARES
CURSO DE LICENCIATURA EM LINGUAGENS E CÓDIGOS – LINGUA
PORTUGUESA

MILENA FERREIRA DE SOUZA

VANGUARDA EUROPEIA E LITERATURA: UMA ANÁLISE DA OBRA
AVENTURAS ALICE NO PAÍS DAS MARAVILHAS E SUA LIGAÇÃO COM O
SURREALISMO

SÃO BERNARDO- MA

2018

Milena Ferreira de Souza

**VANGUARDA EUROPEIA E LITERATURA: UMA ANÁLISE DA OBRA
AVENTURAS ALICE NO PAÍS DAS MARAVILHAS E SUA LIGAÇÃO COM O
SURREALISMO**

Monografia apresentada a Universidade Federal do Maranhão - MA como requisito parcial para a obtenção do grau de Licenciatura em linguagens e Códigos-Língua Portuguesa.

Orientador (a): Prof.^a. Me. Claudia Letícia Gonçalves Moraes

SÃO BERNARDO - MA

2018

Milena Ferreira de Souza

**VANGUARDA EUROPEIA E LITERATURA: UMA ANÁLISE DA OBRA
AVENTURAS ALICE NO PAÍS DAS MARAVILHAS E SUA LIGAÇÃO COM O
SURREALISMO**

Monografia apresentada a Universidade
Federal do Maranhão - UFMA como
requisito parcial para obtenção do grau
de Licenciatura em Linguagens e
Códigos/Língua Portuguesa.

Monografia aprovada em: ____/____/ ____

BANCA EXAMINADORA

Prof. ^a. Me. Cláudia Letícia Gonçalves Moraes (Orientadora)

Mestra em Cultura e Educação - UFMA
Curso de Linguagens e Códigos - UFMA

Prof. ^a. Dr^a Maria Francisca da Silva (1º examinador)

Doutora em Letras Neolatinas Espanhol - UFMA
Curso de Linguagens e Códigos - UFMA

Prof. ^a. Esp. Nayara da Silva Queiroz (2º examinador)

Universidade Federal do Maranhão – UFMA
Curso de Linguagens e Códigos - UFMA

Dedico este trabalho a Deus que me conduziu até
este momento;

A minha família principalmente e meu pai e a
minha mãe e que me deram dom da vida.

Aos meus irmãos e amigos que contribuíram
diretamente e indiretamente para a realização desse
trabalho;

A minha orientadora Cláudia Moraes, que dedicou
seu tempo a me ajudar na construção da minha
pesquisa.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus em primeiro lugar depois a Nossa Senhora de Fátima por terem me proporcionado a ter forças e determinação para essa longa e árdua jornada.

A mulher mais importante da minha vida, minha mãe Rosimery que se dedicou a minha criação, me amou e educou. Ao meu pai Amilton (*in memoriam*) que não se faz mais presente em minha vida, mas tenho a absoluta certeza que está orgulhoso com a minha formação. Aos meus irmãos Rodrigo Almeida, Jôsearia Souza, João Pedro Souza, Matheus Souza e Isaias Souza. Que me deram todo apoio para que pudesse galgar os mesmo passos da minha avó Joana.

Agradeço também a um casal dona Livia Monteles e o senhor Jefferson Teixeira que me adotaram com filha e me ajudaram incansavelmente durante esses anos que estive no Maranhão.

A minha companheira e melhor amiga(irmã) Nayane Viera que esteve sempre ao meu lado e que passei momentos inesquecíveis ao seu lado e que dedicou-se amar e cuidar de mim. Por me entender, ajudar e acalmar nos momentos difíceis que passei. Que muitas vezes puxou minha orelha para eu não desistir do curso.

Aos meus amigos Alvileno Vidal que sempre quando pode me ajudou com meus custo. Diego Paes que dedica-se para me fazer feliz e em nenhum momento me abandonou, e a Alessandra Coelho, Caroline Melo, Eline Costa, Gabriela Lustosa (do curso de Ciências Humanas turma 2012), Diobergue Viana (da turma 2011), Júlio Santos, Josiane Krogh, Kelly Garcia, Maria Costa (da turma 2012) e Maria de Jesus grandes amigos que a universidade me deu. E aos demais colegas de classe que contribuíram desde o início na minha formação acadêmica.

Agradeço a todos os professes do curso de Linguagens e Códigos que contribuíram intensamente para minha formação intelectual. Em especial os professores

Abraão Estrela, Bergson Uta, Eliane Pereira, Janine Perine, Leoilma Moraes, Maria Francisca, Marcelo Nicomedes, Nayara Queiroz, Paula Molinari e Valnecy Corrêa.

E por fim, não menos importante, e agradeço a minha orientadora professora Mestre Cláudia Letícia Gonçalves Moraes que teve paciência e pela instrução e dedicação que tivera comigo. Meu profundo agradecimento.

“Senhores, a única forma de alcançar o impossível é pensar que é
possível. ”

(Lewis Carroll, Alice no País das Maravilhas)

RESUMO

Esta pesquisa origina-se a partir de estudos que intentam analisar a obra *Aventuras Alice no País das Maravilhas*, de Lewis Carroll, partindo do pressuposto de que a obra possui uma ligação com a corrente Surrealista. Deste modo, este trabalho abordará um percurso histórico para se compreender como a literatura vitoriana serviu como pano de fundo para a construção da obra. Um ponto relevante desta pesquisa irá tratar sobre a caracterização de Alice segundo a perspectiva do gênero literário *nonsense*. O gênero *nonsense* brinca com a falta de lógica que esse gênero tende a ter, onde muitas vezes acaba ridicularizando as tradições da época. Em seguida será feito um apanhado e uma análise da protagonista, levando em conta os aspectos e as características das vanguardas surrealistas do início do século XX. Para tanto, apresenta-se conceitos como do Surrealismo europeu. A corrente Surrealista surgiu no ano de 1920 como movimento artístico e literário que tivera sua origem na França. Caracteriza-se pela maneira de demonstrar espontânea e automaticamente impulsos do subconsciente, desprezando assim a lógica e os padrões estabelecidos pela sociedade. É feito também um breve resumo da obra e consequentemente a análise levando em conta aspectos surreais presentes na obra.

Palavras-chave: Alice no País das Maravilhas. Ligação com surrealismo. Caracterização da personagem. Gênero *nonsense*.

ABSTRACT

This research originates from studies that analyze the work *Adventures Alice in Wonderland*, starting from the assumption that the work has a connection with the Surrealist line of thought. In this way, this work will approach a historical route to understand how the Victorian literature served as cloth for the construction of the work. A relevant point of this research will deal with the characterization of Alice from the perspective of the nonsense literary genre. The nonsense genre plays with the lack of logic that this genre tends to have, where it often ended up ridiculing the traditions of the time. Afterwards, the character and characteristics of the surrealistic vanguards of the beginning of the 20th century will be analyzed. For that, concepts such as surrealism are presented. The Surrealist current appeared in 1920 as an artistic and literary movement that had its origin in France. It is characterized by the spontaneous and automatically demonstrating impulses of the subconscious, thus neglecting the logic and patterns established by society. It is also made a brief summary of the work and consequently the analysis taking into account the surreal aspects present in the in the piece.

Keywords: Alice in Wonderland. Connection with surrealism. Character characterization. Nonsense genre.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	11
METODOLOGIA DA PESQUISA.....	12
1. A LITERATURA VITORIANA COMO PANO DE FUNDO.....	13
1.1. A rainha Vitória.....	13
1.2. Era vitoriana em seu contexto histórico.....	13
1.3. Sociedade vitoriana.....	15
1.4. Literatura vitoriana e suas fases.....	15
1.5. Vida e obra de Lewis Carroll.....	17
1.6. Relação da obra <i>Aventuras de Alice no País das Maravilhas</i> e a era vitoriana.....	20
2. CARACTERIZAÇÃO DA PERSONAGEM ALICE SOBRE A PERSPECTIVA DO GÊNERO LITERÁRIO <i>NONSENSE</i>.....	22
2.1. O Gênero <i>nonsense</i> na literatura.....	22
2.2. O <i>nonsense</i> e sua correlação com Alice.....	24
3. ALICE E SUA LIGAÇÃO COM O SURRELISMO: UMA REFLEXÃO LEVANDO EM CONTA OS ASPECTOS AS CARATERISTICAS DAS VANGUARDAS SURREALISTAS DO INICIO DO SECULO XX.....	31
3.1. Vanguardas Europeias.....	31
3.2. Surrealismo.....	32
3.3. Alice no país das maravilhas: um breve resumo da obra.....	34
3.4. Alice e sua ligação com o surrealismo: uma análise de aspectos surreais presentes na obra.....	40
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	45
REFERÊNCIAS.....	47

INTRODUÇÃO

A obra *Aventuras Alice no País das Maravilhas*¹ surgiu 1862, a partir de um passeio de barco pelo rio Tâmis com as três irmãs Liddell: Lorina Charlotte, Alice Pleasance e Edithonde e o próprio Charles Dodgson (Lewis Carroll), onde como de costume Alice e suas irmãs pediam que o mesmo contasse uma história. Foi a partir desse momento que Carroll começou a narrar a história de uma menina chamada Alice que estava ficando cansada de estar sentada ao lado de sua irmã e de não ter nada para fazer.

De repente, a menina resolve colher flores, sendo a partir desse momento que conhece um coelho que só vivia atrasado e resolve segui-lo, acabando por cair em sua toca. Surgia então ali uma das obras-primas de Lewis Carroll, *Aventuras Alice no País das Maravilhas*. Essa obra vem, de maneira especial, encantando profundamente quem a lê há mais de um século.

É importante ressaltar que, após Dodgson contar aquela história para Alice e suas irmãs, a pequena Liddell pediu para seu amigo que escrevesse aquela história para a mesma. O livro demorou para ficar pronto, cerca de dois anos e meio, por causa de suas ilustrações que foram feitas de próprio punho.

A literatura é permeada por questões que instigam nosso imaginário, questões essas que podem ser algo muito subjetivo, sendo assim, em algumas obras esses aspectos vem criar conflitos, como em Dom Casmurro “Terá Capitu traído Bentinho?”² ou “Estava mesmo Alice sonhando?”.

A partir da obra de Lewis Carroll, *Aventuras Alice no País das Maravilhas*, esta pesquisa tem como finalidade apresentar qual seria a ligação da personagem Alice com o Surrealismo, trazendo assim, o conceito da referida corrente e sua relação com a literatura, além de caracterizar a personagem a partir do gênero literário *nonsense*. Sobre tudo, analisar a obra sobre a perspectiva surrealista e a partir desse viés, perceber as diversas possibilidades de personalidade da personagem dentro da obra.

¹ CARROLL, Lewis. **Aventuras de Alice no País das Maravilhas**. Tradução Maria Luiza Xavier de Almeida Borges, Rio de Janeiro: Zahar, 2009.

² Referência à obra Dom Casmurro de Machado de Assis, 1994.

Além de tudo isso, a importância de se trabalhar com essa obra é perceber que Alice ao mergulhar em mundo totalmente surreal e aparentemente ilógico acaba-se observando que tal mundo perpassa pela teoria do inconsciente que acaba sendo um universo enriquecedor para a minha pesquisa. E por fim e não menos importante possível notar a coragem da personagem de se jogar dentro de algo desconhecido presenciando um choque entre um mundo “surreal” e o seu mundo.

Metodologia da pesquisa

A metodologia utilizada neste estudo baseou-se em uma pesquisa bibliográfica. A mesma é fundamentada em autores como Alexander Meireles da Silva (2005), André Breton (1924), Bruna Ávila (2011), Lúcia Bastos (2004), Bruna Brito (2007), Lewis Carroll (2009), Maurice Nadeau (2008) Martin Gardner(2002), Cohen (1998) Flávia Moraes(2004), Nelly Coelho (2010), Garcia-Roza (2009), Lúcia Góes (1991), Elizabeth Sewell (2015), Susan Stewart (1980), Filomena Vasconcelos (2004). A partir desses autores almeja-se o desenvolvimento aprofundado dessa pesquisa.

Desse modo, a pesquisa tem como objetivo geral demonstrar a presença de aspectos surreais dentro da obra *Aventuras de Alice no País das Maravilhas*, considerando como o autor concebe esses. Seguindo os específicos que foram concebidos em três. O primeiro tratará de investigar como a literatura vitoriana funcionou como pano de fundo na obra analisada. O segundo é analisar aspectos surreais presentes dentro da obra, levando em consideração as características das vanguardas surrealistas do início do século XX. E o terceiro identificar a caracterização da personagem sobre a perspectiva do gênero literário *nonsense*.

Dado o tema da pesquisa, será realizado, desta forma uma alise da obra *Aventuras de Alice no País Das Maravilhas*. Mediante ser analisado os aspectos surreais dentro da obra, tendo em vista ainda, como a personagem principal (Alice) reage perante esses aspectos. Outro aspecto relevante a ser tratado é a caracterização da personagem sobre a perspectiva do gênero literário *nonsense*.

1. A LITERATURA VITORIANA COMO PANO DE FUNDO

1.1 A rainha Vitória

No século XIX existiu um reinado na Inglaterra que ficou bastante conhecido como Era Vitoriana, pois foi nesta época que reinava Alexandrina Vitória Regina, mais conhecida como rainha Vitória. Uma mulher que se tornou rainha em 1837 com a morte de seu tio, o rei Wiliam IV. Com apenas 18 anos de idade foi coroada, de modo que a primeira ordem que recebera foi que ela dormisse sozinha em quarto longe das ordens ou controle de sua mãe. Segundo Silva (2005, p. 224) “Em 64 anos de reinado (1837-1901), um dos mais duradouros da história da Inglaterra, Vitória seria testemunha das profundas transformações que levariam seu país a se tornar maior império do mundo.”

Sobretudo convém salientar que isso não seria de fato um exagero, pois, o comportamento e o estilo de vida da rainha Vitória influenciaria a sociedade, sendo assim a era vitoriana se tornaria um sinônimo de pontualidade, sofisticação e sobriedade sendo esses predicados atribuídos até hoje ao povo inglês.

A partir da morte de seu marido, o príncipe Albert, no ano de 1861, Vitoria acabaria se isolando, evitando seu aparecimento em público. Todavia tal comportamento gerou intensas críticas por parte de jornais e radicais políticos. Houve até indagações sobre monarquia ou até mesmo sobre seu fim. Mas logo os conselheiros da rainha Vitória alertaram-lhe sobre o grande perigo dessas críticas, em seguida a mesma voltou à cena pública, onde se tornara uma das rainhas mais populares da história da Inglaterra.

1.2 Era vitoriana em seu contexto histórico

Considerado um dos períodos da literatura Inglesa mais complexos, a era vitoriana trata-se de um período cheio de amplas mudanças e críticas. Nota-se que desde

o reinado de Elizabeth I, no século XVI, uma rainha como Vitória influenciou sua época a ponto de dar seu próprio nome a uma era.

Este período é marcado por grandes transformações e avanços tecnológicos, como a Revolução Industrial, de modo que mexeu com toda sociedade inglesa e sua cultura. Ocorreu, assim, o grande aumento da população nas cidades, já que muitas famílias abandonavam o campo para trabalhar nas grandes indústrias.

O período vitoriano fora marcado por grandes contrastes, cheios de críticas. A sociedade inglesa estava vivenciando rápido desenvolvimento, na esfera política e econômica, causando uma grande euforia por causa desses avanços, ou seja, um medo concebido pela modernização e a incerteza que o novo provocara, principalmente nos indivíduos que eram extremamente tradicionalistas.

Silva (2005) observa que todas essas transformações tiveram reflexos na cultura de consumo da sociedade britânica. Ainda houve os progressos com as técnicas de impressão que levaram ao aparecimento de jornais e revistas para todos os gostos. Os romances eram feitos em fascículos, pois os efeitos da Revolução Industrial não ficaram apenas limitado aos muros das grandes fábricas.

O autor cita ainda, que houve dois lados de contrastes, o primeiro é abordado sobre a produção em massa, se tornou possível criando assim uma cultura de consumo. Ainda houve os progressos com as técnicas de impressão que levaram o aparecimento de jornais e revistas para todos gostos. Os romances eram feitos em fascículos, de modo que as ruas ganharam luzes.

O outro lado da Revolução Industrial, segundo Silva:

O outro lado da Revolução foi exploração do trabalhador. A situação de miséria e descaso com os pobres denunciados pelos pregadores religiosos no começo do século se intensificariam na segunda metade do século XIX, sendo tema de debate de pensadores como Karl Marx e John Stuart Mille de romancistas como Charles Dickens (SILVA, 2005, p. 224).

No entanto, os pobres acabam decidindo reagir, e foi a partir desse momento, no século XIX, que a Inglaterra se tornou palco de várias manifestações populares, que por muitas vezes sofreriam repressões e causariam até mesmo a morte de manifestantes.

1.2 Sociedade vitoriana

A sociedade vitoriana em sua excelência é constituída principalmente por burgueses, sendo burguês também o gosto literário predominante. A sociedade inglesa, apesar disso, ainda atribuía juízo de valor aos exemplos oferecido pela família real, compartilhado assim os seus valores morais e religiosos.

O reinado de Vitória se traduzirá em um rigoroso código de conduta social, que por sua vez terá os jogos, bebidas e o fumo como um ato impróprio para os cavaleiros. Todavia quando a noite chegava, esses cavaleiros acabavam enchendo os prostíbulos e casas de jogos dos arredores de Londres. Em relação a mulher deste período, é considerada como a guardiã da família, a mesma tende a ser responsável pela calmaria de seu lar, sendo um monumento, ou seja, um símbolo de moral da sociedade britânica.

A ética da corte trazia harmonia em conjunto da vida doméstica, pois era algo de profundo agrado para rainha Vitória. De maneira ser bem delineado a representação da mulher é considerada como um ser puro, delicado, passivo, submisso. Silva (2005), observa que “Quanto a mulher, o que se esperava dela que agisse como um ser frágil, prudente e fútil, a quintessência da inutilidade”.

Em um panorama geral, a sociedade vitoriana é caracterizada por um extenso período de prosperidade e paz para todo povo britânico. Já que se levarmos em conta a questão dos lucros exagerados alcançados por meio da expansão do Império Britânico que adveio pelas ações das colonizações, sobretudo nos territórios da África e da Ásia.

1.4 Literatura vitoriana e suas fases

A literatura vitoriana, assim como as demais literaturas, exerceu um papel social de suma importância para o século XIX na sociedade inglesa. Esta se desenvolveu sob as fortes influências da Revolução Industrial, dos moldes dos códigos morais e sociais concebidas pela rainha Vitória e do imperialismo britânico. Conforme Silva (2005), a literatura vitoriana pode ser dividida em duas fases.

A primeira fase é conhecida como moralista que vai de 1830 a 1870. A literatura aqui abordará o entendimento sobre as mudanças e a perda de valores da sociedade britânica ou os novos valores para que a sociedade possa ser envolvida e compreendida.

Os autores que ficaram conhecidos como romancistas desta fase, foram: George Eliot, Charles Dickens, William Makepeace Thackeray, Anthony Trollope e as irmãs Brontë - Charlotte, Emily e Anne Brontë. Já na poesia, os poetas que representam essa fase foram: Lord Alfred Tennyson, Matthew Arnold, Elizabeth Barrett e Robert Browning. No drama, tem-se a figura de George Bernard Shaw. A segunda fase é considerada como esteticista que aconteceu de 1870 a 1900. De modo que esta fase é fundamentada no conceito do esteticismo:

[...] é um termo dado a um movimento ou tendência do século XIX. Fundamentalmente, defende o ponto de vista de que arte é autossuficiente e não precisa servir a nenhum outro propósito a não ser à ela mesma. Ou seja, arte é arte e não precisa ser (ou não deve ser) didática, política, engajada ou moralista. Neste contexto, o artista é alguém especial, distinto dos outros. O esteticismo foi o resultado tardio do subjetivismo do romantismo e do culto ao ego (SILVA, 2005, p. 235).

Nesta fase os artistas acabam encarando a preocupação com arte com a moralidade bem como um objeto opressivo. Para esses artistas, a arte teria que ser autônoma, ou seja, uma busca apenas pela sensação desligada de pretensões moralistas ou didáticas, tendo em vista o conceito de “arte por causa da arte”. Para tanto, tal postura considerada alienada do artista aumentou o entrecruzamento entre a cultura letrada e a cultura popular.

Contudo, a preocupação com a sensação e a emoção pela arte acabou provocando uma revitalização em relação às literaturas de cunho infantil e gótica e

promoveu também o surgimento do romance científico. O término da era vitoriana também foi marcado por causa de tentativas de representar a parte mais naturalista da realidade, fomentando assim um tom mais pessimista que está presente em várias obras de vários autores, sendo um dos principais Thomas Hardy.

Com relação as poesias dessas fase, a busca da “arte pela arte” esteve representada por Algernon Charles Swinburne e também pelos “pré-rafaelistas”³ como: Dante Gabriel Rossetti, Christina Rossetti e William Morris. Convém ressaltar que essa fase da literatura vitoriana ficou conhecida como literatura da decadência.

Além dessas fases é nesse período que surge a literatura pedagógica, sendo a sua intenção ensinar assuntos diversos, desde comportamentos até educação de pais para com seus filhos. Convém salientar que a literatura que se desenvolve na era vitoriana preocupa-se especialmente com a educação moral dos indivíduos.

Tendo em vista, que a obra *Aventuras de Alice no País das Maravilhas*, acaba se distanciando desse caráter pedagógico e moralizante, pois, a obra em si tem como pano de fundo uma crítica sobre a opressão moralizadora e a pedagogia da literatura e a sociedade vitoriana, que tentava a qualquer custo controlar as pessoas, determinando padrões precisos e definidos.

1.5 Vida e obra de Lewis Carroll

Lewis Carroll é pseudônimo de Charles Lutwidge Dodgson, nasceu no dia 27 de janeiro de 1832 em Cheshire, na Inglaterra. De modo, que suas obras mais famosas são *Aventuras de Alice no País das Maravilhas*, que foi publicada em 1865 e escrita

³ “Eles buscara seu modelo de expressão na simplicidade e frescor natural da arte medieval imediatamente anterior ao período do renascentista italiano Rafael (1483- 1520). Um Objetivo do grupo era prestar máxima ao detalhe. Mas essa atenção objetiva explorar o detalhe simbolicamente para assim evocar uma resposta emocional e espiritual no leitor. Em virtude desse propósito, críticos ligaram os poetas pré-rafaelistas ao conceito de “arte pela causa da arte”, uma vez que eles estavam dispostos a sacrificar o pensamento e o conteúdo moral em nome da beleza da fora” (SILVA, 2005, p. 254- 255).

para Alice Liddell, filha do deão do Christ Church. Outra obra importante que cabe destacar é *Através do Espelho e o que Alice Encontrou Por Lá*, publicada em 1872. Carroll morreu em 14 de julho de 1898, em decorrência de uma bronquite. Martin Gardner em sua edição comentada do livro *Aventuras de Alice no País das Maravilhas e Através do Espelho e o que Alice Encontrou* começa a descrever como era Carroll:

Carroll tinha uma aparência vistosa e assimétrica – dois fatos que podem ter contribuído para seu interesse por reflexos especulares. Um ombro era mais alto que o outro, seu sorriso era ligeiramente torto e o nível de seus olhos azuis não era exatamente o mesmo. Era de altura mediana, magro, mantinha sempre um porte ligeiramente ereto e tinha uma maneira abrupta e peculiar de andar. Era afligido pela surdez de um ouvido e por uma gagueira que fazia seu lábio superior tremer (GARDENER, 2002, p. 04).

O autor foi matemático e poeta renomado, professor da Universidade de Oxford, na Inglaterra. Conhecido por estudos lógicos da matemática um exemplo foram os livros de jogos que criara para entreter e desenvolver o raciocínio lógico, chegou também a publicar vários artigos científicos em revistas. Além disso Carroll fazia ensaios fotográficos de alguns familiares, amigos e crianças.

Sobretudo o que mais gostava de fotografar era as crianças (meninas daquela época). É notório que grande parte dessas fotografias eram de meninas nuas, pois segundo Gardener (2002, p. 05) os corpos dessas meninas “lhes pareciam extremamente belos” e não havia nenhum cobiça ou desejo por parte de Dodgson, pois grande parte dessas fotografias eram feitas com o consentimento dos pais. Gardener (2002), afirma ainda que quando Carroll morresse, tais fotografias eram para ser devolvidas para seus pais.

Pode-se afirmar que Carroll nunca tivera filhos, mas gostava muito de crianças principalmente do gênero feminino. Por causa dessa profunda admiração, Carroll dedicava parte do seu tempo a contar histórias e fazer jogos, especialmente para divertir essas meninas.

Carroll se aproximou da família Liddell, quando se tornara professor em Christ Church College, aqui ele acabou conhecendo Henry George Liddell, reitor dessa instituição. Além disso, o senhor Liddell era pai de Alice Liddell, Lorina Liddell e Edith Liddell e por meio dele Charles Dodgson acaba se aproximando das meninas,

principalmente de Alice que futuramente seria a musa inspiradora da sua principal obra *Aventuras de Alice no País das Maravilhas*. Morton Cohen em sua obra *Lewis Carroll: Uma biografia* aborda sobre a relação de Carroll com as filhas de Liddell:

A relação de Charles com os Liddell também seguia um curso tranquilo, com apenas uma ou outra objeção voluntariosa por parte da Sra. Liddell. Ele frequentava a reitoria regularmente e levava as crianças para longas caminhadas e expedições no rio. Os filhos dos Liddell vinham visitá-lo com tanta frequência em sua casa que praticamente dominam as páginas o seu diário. A amizade com eles crescia firme e forte e, se é evidente que Charles se apegara profundamente a essas crianças, também é verdade que elas o adoravam, faziam-lhe convites, procuravam-no, desejam sua companhia e sua amizade (COHEN, 1998, p.115).

Foi nesse contexto que em 1862 surge o livro *Aventuras de Alice no País das Maravilhas*. A criação dessa obra tem início por meio de um passeio de barco pelo rio Tâmesa. Nesse passeio além de Carroll havia também as três filhas de George Liddell, Lorina de 13 anos, Alice de 10 e Edith de 8 anos. Esses passeios que o mesmo fazia era algo de costume, sempre que podia fazia com frequência. Tudo começa quando as meninas durante o passeio acabam pedindo que Dogson que lhes contasse uma história. O mesmo começa a inventar a narrativa de uma menininha que ao seguir um coelho branco acaba caindo em sua toca.

Para tanto, foi a partir daquele dia que Alice Liddell começou a insistir para que Carroll escrevesse aquela história, que por sua vez tinha como personagem principal Alice. Embora a menina tenha insistido bastante segundo Cohen (1998) a obra só ficou pronta para dar de presente a menina dois anos e meio depois, pois continha ilustrações de seu próprio punho.

Durante toda a escrita da narrativa que Carroll resolve publicar a obra, pois esse momento só se dera por causa de influências do casal MacDonald que conforme Cohen (1998), eram seus amigos. Convém acordar que a priori o livro seria chamado de *Alice por debaixo da Terra*, que fora até entregue para Alice Liddell de presente.

No entanto, o autor não ficou satisfeito com esse título então resolvera mudar para o título que obra ficou mundialmente conhecida *Aventuras de Alice no País das Maravilhas*. A Ilustração do livro ficou a priori por responsabilidade do próprio autor. Mas Carroll acabou desistindo e quem ficou por ilustrar seu livro foi o ilustrador e

cartunista John Tenniell que por sua vez, ilustrou da maneira que Carroll lhe exigia. Contudo convém salientar que embora Alice Liddell tenha sido sua grande inspiração para criação de seu livro a aparência e os aspectos físicos da personagem Alice eram muitos divergentes da própria filha de George Liddell, pois a menina como figura real possuía cabelos curtos, lisos e escuros com franja que caía sobre a testa. Já a Alice personagem tem cabelos lisos e loiro.

A saber, a obra mais famosa de Carroll, cabe ressaltar que a interpretação desse livro possui uma diversidade de significados interpretações, além de simbólicos, políticos, metafísicos e sobretudo freudiano. Nota-se que o mundo maravilhoso em que Alice está inserida, possui um recurso advindo do Gênero *nonsense* e sobretudo jogos de linguagens.

1.6 Relação da obra *Aventuras de Alice no País das Maravilhas* e a era vitoriana

Embora o período vitoriano tenha sido época monarquista, certos comportamentos como das crianças que tinham a infância extremamente encurtada, pois tinha que se tornarem “mini adultos”, induzindo assim as crianças a terem um comportamento mais sério, levando-as a terem ações maduras em relação à sua idade. Tendo em vista que as crianças nessa época eram obrigadas a cumprirem rigidamente uma series de regras relacionadas ao comportamento e a educação.

A era vitoriana tem uma grande relação com obra a ser a alisada, neste caso, *Aventuras de Alice no País das Maravilhas*, de modo que servirá como pano de fundo na obra estudada. Alice, a personagem principal, tem comportamentos de uma pessoa adulta ou como é abordado acima, a mesma pode ser considerada uma “mini adulta”, por causa da sua inteligência avançada. Para tanto, percebe-se que ao cair na toca do coelho falante, Alice começa a usar seus conhecimentos de algumas coisas que a escola lhes ensinara:

[...] “Quantos quilômetros será que já caí até agora?” “Devo está chegando perto do centro da Terra. Deixe-me ver: isso seria a uns seis mil e quinhentos quilômetros de profundidade, acho... sim, a distância certa é mais ou menos

essa... mas, além disso, para que Latitude ou Longitude será que estou indo?”
(CARROLL, 2009, p. 15 grifo do autor).

O período histórico em que Carroll se insere é um momento de grandes mudanças teológicas e científicas, bem como também no campo de pensamentos filosóficos, trazendo novas correntes de pensamento tais como positivismo e o evolucionismo.

Apesar disso, é possível ressaltar que Carroll está inserido em um período de tensão, que ocorre entre o tradicional e o moderno,⁴a ciência e a religião. Foi a partir daí que a literatura passou a ter uma valoração na vida dos britânicos, proporcionando assim, além do prazer estético para o leitor, um papel moralizante e pedagógico.

Morais (2004) aborda que tudo os ingleses recorriam a literatura em relação a conselhos, distração inclusive questões dogmáticas. Então, não teria como discorrer sobre a era vitoriana se não associarmos os grandes autores e suas obras em uma época que a literatura tinha o seu valor estético e social. Pode-se dizer que muitos dos escritores escreviam seus textos fazendo críticas à sociedade vitoriana e seu jeito de manter as aparências. Apesar de todas as críticas feitas por esses autores tentavam colocar um olhar purificador para resolver questões sociais que a própria rainha tentava ocultar.

A obra de Lewis Carroll revela um olhar crítico sobre a sociedade que está inserida neste período, os indivíduos aqui especificamente estão sendo sufocados por inúmeras regras de conduta social. Para Carroll, a fuga da realidade para um mundo maravilhoso ou mágico mostra uma maneira de escapismo, ainda que seja para fora da realidade, ou seja, tendo em vista que se trata da era vitoriana, trata-se de fuga das exigências e de sua moral rígida. Nota-se que ao mesmo tempo que Carroll, está dentro dessa sociedade e carrega consigo influências da mesma, a sua obra também acabara refletindo tais aspectos ideológicos da época.

⁴ Tradicional e moderno refere-se que apesar das mudanças por causa da Revolução Industrial ocorrida neste período os britânicos não abandoaram o tradicionalismo como a religiosidade como postura de conduta moral perante a sociedade britânica.

2. CARACTERIZAÇÃO DA PERSONAGEM ALICE SOBRE A PERSPECTIVA DO GÊNERO LITERÁRIO *NONSENSE*

2.1 O Gênero *nonsense* na literatura

Presente no período Elizabetano (Idade Média), e se estendendo até a era vitoriana, o gênero *nonsense* ficou particularmente conhecido durante o século XIX com as poesias de Edward Lear ⁵e nos contos Lewis Carroll. Esses autores utilizavam esse gênero como uma forma de crítica das tradições e os bons costumes daquela época. Silva (2005) aborda como se consistia o gênero *nonsense* ou como autor mesmo chama poesia *nonsense*:

A poesia *nonsense* da literatura vitoriana apresenta um jogo internacional de palavras que apesar de não ter nenhum sentido formal segue uma lógica interna. Existem muitas teorias para explicar o sucesso do *nonsense* em meados do século XIX. Entre elas, citamos a descrença do poder hegemônico da racionalidade e a visão do homem como figura ridícula em universo aparentemente sem propósito existencial (SILVA, 2005, p. 255).

Sendo assim, o *nonsense* vem tratar de uma expressão da língua inglesa que aborda o ilógico como demonstração absurda e despojada de coerência. Desta maneira, o *nonsense* por causa de ter um sentido formal e nem uma lógica interna como cita Filomena Vasconcelos “*Nonsense* é a lógica do jogo das coisas ilógicas.” (VASCONCELOS, 2004, p. 34) e muitas vezes por isso esse gênero não fora levado a sério. Para Goês (1991) vem retratar o *nonsense* como “realidade absurda”, tendo em vista como afirma o mesmo autor “usa o jogo lógico semântico para criticar costumes, pessoas da época” (p. 94, grifo do autor).

Na literatura o *nonsense* seria como o Dadaísmo⁶ para artes visuais, pois vem se tratar de um movimento vanguardista que surge com o intuito de desconstruir as bases

⁵ Edward Lear (1812- 1888) pintor e escritor britânico. Um dos precursores do gênero *nonsense*. Criava histórias e poemas para o público infantil. Escreveu duas obras, onde nonsense segue uma regra precisa e planejada que por sua vez, vem criticar o racionalismo vitoriano. *A Book of Nonsense* (1846), tem sido uma obra seminal nessa área.

⁶ Dadaísmo ou movimento dadá pertenceu as vanguardas europeias do século XX, teve seu surgimento na Europa em 1916. Seu principal objetivo era romper com as formas tradicionais da arte. Sendo seu lema “a

da sociedade daquela época. Esse gênero vem aparecer acompanhado juntamente com tradição oral. Segundo Bastos (2004, p. 70), “Para Lear e Carroll o *nonsense* era declaradamente uma espécie de dialeto da inocência, uma linguagem associada com a infância mas, de algum modo, livre da carga de sentido”. Percebe-se aqui que para esses autores vai ser livre de significado mesmo ele sendo simbólico.

O *nonsense* tem o viés de ter uma ótica sem nexo e perturbadora, que por sua vez, tem fortes ligações com o surrealismo e o dadaísmo que são de fato amarrados com suas fontes. O interessante que é que apesar das críticas a sociedade da época é que tal gênero é apresentado em sua maioria em obras destinadas para o público infantil. E isso pode ser observados nas obras de Edward Lear e Lewis Carroll. Sendo as principais características o pensamento não-linear a falta de sequência e o não-senso.

Bastos (2004) aborda ainda que a priori o *nonsense* aparentemente venha parecer um “caos textual”, mas não é se fizermos uma análise podemos observar ele como gênero bem definido notado de suas próprias linguagens. Todavia, no gênero *nonsense* não se nota espaço para o didático, pois o mesmo vem se basear na imaginação, no absurdo e na desconstrução. Sendo assim, é construído com um lógica do avesso o que nos remete ao pensamento infantil. Bastos (2004), assegura que esse gênero não vem se focar apenas no sentido, mas em uma busca pelo sentido intuitivo e imaginário.

O *nonsense* mantém o equilíbrio entre a lógica e a ilógica, entre a bagunça e a ordem, para que possamos ter a capacidade de compreendê-lo, ou seja, ele deve ter uma proximidade do leitor ao mesmo tempo em que terá uma distância para que haja uma definição a ser extraída, de modo que passará por um percurso entre o coerente e incoerente como se fosse uma partida onde os dois se enfrentam, onde nenhum acalcará a tão esperada vitória ficando assim apenas no combate entre ambos.

No campo de atuação do gênero *nonsense* os elementos que são frequentemente são a inversão, ausência do belo e da emoção, a dança e questões relacionadas com a identidade. Já no campo linguístico trocadilhos e neologismos estão presentes. Para Bastos (2004):

destruição também é criação”. Seu fundador foi Tristan Tzara (1896-1963), junto aos artistas Hugo Ball (1886-1927) e Hans Arp (1886- 1966).

(...) os textos de *nonsense* combinam um minucioso respeito às regras da gramática com a necessidade de transgredi-las todas, além da tentação incessante do caos da linguagem. O *nonsense* instala-se nas fronteiras da língua, onde o gramatical e o agramatical se encontram, onde a ordem (sempre parcial) da língua encontra e desencontra (nunca total) do que está além dela (BASTOS, 2004, p. 70).

Outro ponto importante a se destacar é que *nonsense* vem a ser semelhante aos contos de fadas, só que de forma invertida, tendo a presença de criaturas mágicas como por exemplos as que aparecem na obra *Aventuras de Alice no País das Maravilhas* que está sendo trabalhada nesta pesquisa.

Porém, faz-se necessário a presença de pelo menos uma criatura humana ou até mesmo que tenha semelhança com o mesmo, ou seja, para que esse homem ou criatura que o assemelhe venha dar um sentido, isso porque permitirá ao leitor ter uma compreensão deste mundo bizarro. Sendo assim, não precisará ter um desenvolvimento, pois irá bastar apenas que essa criatura compreenda o funcionamento deste mundo para tentar reagir de acordo com o mesmo.

2.2 O nonsense e sua correlação com Alice

A obra *Aventuras de Alice no País das Maravilhas* baseia-se em um jogo de palavras, de modo que o maravilhoso é algo que está sempre presente. É notório que Alice sai de seu cotidiano e acaba indo para mundo imaginário totalmente desconhecido. O jogo com a lógica são bem constantes no gênero *nonsense* e são bem representadas nesta obra analisada.

Podemos perceber que Carroll faz esse jogo com a lógica quando a Alice pensa que se transformou em Mabel, mas na verdade a lógica é que, se é Alice ou se a mesma se transformara em Mabel. Além do que Alice sabia de tudo já Mabel não sabia de quase nada. Podemos perceber isso nesse trecho abaixo:

[...] é claro que não posso ser Mabel, pois sei todo tipo de coisas e ela, oh! Sabe tão pouquinho! Além disso, ela é ela, e eu sou eu e.... ai, ai, que confusão é isto tudo! Vou experimentar para ver se sei tudo que sabia antes. Deixe-me ver: quatro vezes cinco é dose, quatro vezes seis é treze, quatro

vezes sete é...ai, ai! Deste jeito nunca vou chegar a vinte! Mas a Tabuada de Multiplicar não conta; vamos tentar Geografia. Londres é a capital de Paris e Paris é a capital de Roma, e Roma... não, está tudo errado, eu sei! Devo ter sido trocada pela Mabel! (CARROLL, 2009, p. 26).

De fato pode se dizer que Alice é um ser como diz Bastos (2004, p.70) “ameaçado e atacado pela linguagem.” Logo, o que Carroll apresenta em seus textos não seria ausência do sentido, mas um sentido que presa pelo intuitivo, imaginário e aleatório. Segundo Bastos (2004, p. 70) “[...] O *nonsense* de Lewis Carroll joga com regras que afronta, mas não deixa de considerar e, às vezes, até mesmo respeita.” É possível observar que Alice todo tempo tende a ser grandiosa em relação ao *nonsense* com que a mesma se depara e ouve.

De acordo com Bastos (2004, p. 78, apud, PITCHER, 1958, p.250), “Como Alice, o filósofo é uma vítima imponente da loucura (non-sense), até que, também como Alice, acorde, ou seja, acordado, para sanidade.” Vale acordar, que o Gato de Cheshire é o único personagem que tem a sã consciência da sua própria loucura e acaba pondo sanidade de Alice em dúvidas, já que para ela está no País das Maravilhas a mesma não poderia ser “normal”, ou seja está sã.

Um aspecto bem relevante em relação ao *nonsense* é a variação de sentidos das palavras quando Alice, por sua vez encontra a lagarta e indaga: “Quem é você?” (CARROLL, 2009, p. 55). A menina acaba respondendo “Eu... mal sei, Sir, neste exato momento... Pelo menos eu sei dizer quem eu era quando me levantei pela manhã, mas acho que passei por várias mudanças desde então.” (CARROLL, 2009, p. 55).

Observa-se que a menina poderia ter dito apenas que “sou a Alice”, por exemplo. Convém salientar que Carroll brinca bastante com a lógica e com significado e com o significante e tudo que é impossível se torna possível através do fantástico que por sua vez vem ser desordenado, mexendo assim com próprio sentido *nonsense* tornando cada vez mais a imaginação o poder da inspiração e da criação.

Dogson utilizava o recurso da inversão, bastante presente no gênero literário *nonsense*, quando em seu cotidiano fazia cartas para suas amigas, sendo que para que

elas conseguissem ler utilizavam o auxílio de um espelho. Deste modo, não seria estranho utilizar tal recurso em suas produções literárias.

Outro aspecto relevante seria a questão de Carroll utilizar em suas obras o uso da personificação com animais ou objetos que falam. Na obra *Aventuras de Alice no País das Maravilhas*, nota-se isso desde o início da narrativa até o final, podemos citar personagens como o Coelho Branco, Gato Cheshire, a Lagarta Conselheira, o Rato (Caxinguelê), Lebre de Março e as cartas de baralho, neste caso seriam os objetos.

Segundo Stewart (1980, pp. 67-68), “O uso da personificação se estende quando Alice se depara com o gato na floresta; ele lhe explica o mundo em que ela se encontra também se utilizando da inversão.” Podemos observar isso no trecho a seguir “[...]você sabe, um cachorro quando está zangado e abana a cauda quando está contente. Ora, eu rosno quando estou contente e abano a cauda quando estou zangado. Portanto sou louco.” (CARROLL, 2009, p. 77, 76). Logo, o Gato utiliza-se dessas características (do cão) para esclarecer a loucura e tudo que está sendo incoerente naquele País das Maravilhas.

Mais uma inversão que acontece dentro da obra seria a inversão de caráter social. Observamos isto, quando Alice tem um encontro com a Duquesa, onde a mesma vê a mesma sentada e acalentado um bebê, sendo que se a Duquesa pertence a nobreza não poderia ela estar fazendo essa tarefa, mas sim a empregada (ama). “[...] a Duquesa estava sentada no meio, num tamborete de três pés, ninando um bebê; a cozinheira estava debruçada sobre o fogo, mexendo um caldeirão enorme que parecia cheio de sopa.” (CARROLL, 2009, p. 70). Outra coisa seria a questão da Duquesa está em uma cozinha, espaço esse não digno para os nobres, já que aquele espaço quem circulava lá era a empregada.

Quando Alice é convidada para jogar croqué, a menina caba observando que o baralho seres inanimados, são os jogadores e os animais são as traves, marretas e bolas. É indiscutível que no mundo real quem realiza esse jogo são seres humanos que por sua vez utilizam objetos inanimados para executar esse jogo. Nesta ocasião pode-se notar também o caráter de inversão presente no *nonsense*.

Um outro aspecto presente no *nonsense* é falta, ausência do belo. É evidente que no gênero *nonsense* isso venha ser uma característica que apresenta-se no caráter visual. Carroll traz isso à tona essa ausência do belo quando Alice descreve a Duquesa coma uma criatura feia e com o queixo pontudo. Quando o bebê da própria Duquesa se transformara em um porco, é possível notar que tal transformação causa um conflito entre a ordem e a desordem do próprio *nonsense*.

A dança também é um aspecto recorrente ao *nonsense*. Neste sentido, Elizabeth Sewell (2015, p. 192) aborda que, a dança “é uma forma de jogo, é a maneira de pensar com o corpo, e pelo fato de o *nonsense* também ser um tipo de jogo que equilibra a ordem e a desordem, o sentido e o não-sentido, eles se harmonizam tão perfeitamente.” É possível encontrar esse aspecto no capítulo 10 intitulado *A Quadrilha da Lagosta*. Neste capítulo os personagens Grifo e a Tartaruga Falsa explicam para Alice como funciona uma espécie de dança das lagostas:

[...] ‘Que espécie de dança é essa?’ ‘Ora’ disse o Grifo, ‘primeiro se forma uma fila ao longo da praia...’ ‘Duas filas!’ exclamou a tartaruga falsa. ‘Focas, tartarugas, salmões, e assim por diante; depois, quando você tiver acabado de remover tida água-viva...’ (CARROLL, 2009, p. 116-117, grifo do autor).

Em relação ao campo linguístico, pode ser observado que Carroll faz sempre uso de trocadilhos quando utiliza palavras homófonas de sons parecidos mas de escrita diferente. Desse modo, tais trocadilhos trazem uma natureza de humor presentes no *nonsense*. Encontramos isso quando Alice tem um diálogo com o camundongo que lhes conta uma triste história. “Prometeu me conta a sua história, lembra? Perguntou-lhe Alice. ‘Todo rosário, de cabo a rabo? Ele é comprido e triste’” (CARROLL, 2009, p.38). Isso ocorre quando a menina confunde a história do camundongo com rabo longo do mesmo. E de fato Lewis Carroll traz a história do Camundongo em forma de poema, mas a estética em forma de cauda, pode-se observar isso no capítulo 3 na página 39. Esse elemento visual é totalmente presente em obras do gênero *nonsense*.

Vale uma ressalva, que os personagens do gênero *nonsense* são solitários e constantemente precisam se proteger de criaturas estranhas como as criaturas que Alice encontra e descontra durante da narrativa. Nota-se que a personagem principal é a

única que não é *nonsense*, pois Alice é lucida e conhece as regras do nosso mundo, possuindo uma boa convivência com outros seres humanos. Todavia, ao estar no País das Maravilhas em meio a esses seres bizarros e loucos, ela tende a perder sua identidade e acaba falando coisas que são sem sentidos para ela.

Constantemente na obra analisada, há discussões entre a própria Alice e personagens que não levam a lugar nenhum. Essas discussões apresentam-se como uma competição, um jogo como se um quisesse vencer do outro. Uma dessas discussões podem ser notadas quando Alice vai ao encontro do Chapeleiro e o mesmo começa a fazer adivinhações que não fazem sentido algum. Como por exemplo, quando Chapeleiro diz que “[...] Por que um corvo se parece com uma escrivainha?” (CARROLL, 2009, p. 81). Compreende-se nessas adivinhações há uma ausência de lógica e em meio a toda discussão ao logo da conversa o Chapeleiro nunca chega ou se tem uma resposta nítida.

Um elemento presente nesse gênero é a frieza e a violência, isto acaba ficando evidente quando Alice vai à casa da Duquesa e presencia atos de frieza e violência e quando o Chapeleiro e a Lebre de Março destratam e maltratam o Caxinguelê. “[...] a cozinheira tirou o caldeirão de sopa do fogo e se pôs imediatamente a atirar tudo que estava a seu alcance na Duquesa e no bebê: primeiro foram os atiçadores; depois uma chuva de caçarolas, travessas e pratos” (CARROLL, 2009, p. 72). Vale observar que Dogson trabalha *nonsense* aqui não de forma aleatória, mas pelo contrário ele abusa dessa característica para mostrar esse teor de violência que dá-se no período vitoriano.

Faz-se também presente o uso de paródias de poemas, músicas que estavam presentes naquele dado momento histórico. Podendo citar as músicas e poemas tais como: “Olha o pequeno crocodilo” presente no capítulo dois, “Estás velhos, Pai William”, presente no quinto capítulo e “A quadrilha da lagosta” presente no décimo capítulo. Gardner (CARROLL, 2002, p.), aborda que essas músicas e poemas naquela época eram bem conhecidas e por isso aguçavam o entendimento de quem as liam, pois havia também um pouco de humor nelas e divertiam as crianças deste período.

Apesar de vários aspectos de ilogicidade, podem ser verificados vários aspectos de questionamentos de lógica dentro da obra. Quando Alice dialoga com uma Pomba que insiste em acusa-la de comer seus ovos e por esse motivo diz que a menina é uma cobra:

“Mas não sou uma cobra, estou lhe dizendo!” insistiu Alice. ‘Sou uma... uma...’. ‘Ora essa! Você é o quê?’ perguntou a Pomba. ‘Aposto que está tentando inventar alguma coisa!’. ‘Eu...eu sou uma menininha’, respondeu Alice, bastante insegura, lembrando-se do número de mudanças que sofrera naquele dia. ‘Realmente uma história muito plausível!’ disse a Pomba num tom do mais profundo desprezo. ‘Vi muitas menininhas no meu tempo, mas nunca uma com pescoço desse! Não, não! Você é uma cobra; e não adianta negar.” (CARROLL, 2009, p. 64, grifos do autor)

Carroll dá a liberdade para Alice além de questionar-se ou de contra argumentar, tendo assim a liberdade de fazer escolhas em seu caminho. No entanto há vários personagens que a oprimem, tratando-lhe mal. Um desses momentos é quando o Coelho Branco acaba confundindo Alice com a empregada, a lagarta que por sua vez sempre a contesta, a Duquesa que censura a menina por diversas vezes, o Chapeleiro que reprova o corte de cabelo de Alice, a Lebre de Março que vive corrigindo-a e por fim a Rainha de Copas pede que lhe cortem a cabeça.

Durante a narrativa tem-se notado, que Alice evolui apesar do ambiente ser algo contrário do mundo que a mesma vive. Pois, a protagonista quando “cai” no País das Maravilhas que de fato é diferente de seu mundo. Acaba conhecendo personagens singulares e curiosos que muitas vezes por causa do jogo do lógico com o ilógico presente no *nonsense* não se é compreendida e não compreende os outros. Mas com desenrolar da história acaba evoluindo e amadurecendo bastante.

A saber, percebe-se esse amadurecimento nos últimos capítulos quando Alice contesta o julgamento do Rei e da Rainha de Copas sobre o roubo das tortas. A menina neste capítulo acabara contrariando a decisão deles em pôr a culpa em um Valete, ““Não prova coisa alguma!” exclamou Alice. ‘Ora, nem sabem do que tratam os versos!’” (CARROLL, 2009, p.142).

É possível notar ainda que quando Alice enfrenta no último capítulo observa-se também que Lewis Carroll, faz uma crítica a monarquia e sociedade da época. Contestando assim a opressão e a rigidez concebida por esse período vitoriano. Pois quando Alice diz que “‘Quem se importa com vocês?’ ou ‘Não passam de um baralho’” (CARROLL, 2009, p. 145). Desse modo, Alice acabara enfrentando a maior autoridade presente naquele país, tendo assim uma possível libertação, pois logo em seguida consequentemente acorda daquele sonho estranho.

3. ALICE E SUA LIGAÇÃO COM O SURRELISMO: UMA REFLEXÃO LEVANDO EM CONTA OS ASPECTOS AS CARATERISTICAS DAS VANGUARDAS SURREALISTAS DO INICIO DO SECULO XX

3.1 Vanguardas Europeias

A palavra Vanguarda é advinda de termo militar que se tratava de soldados que faziam a frente da tropa abrindo os caminhos. Foi por conta da função desse termo dentro do militarismo que os movimentos que ocorreram nas primeiras décadas do século XX no âmbito das artes se chamavam de vanguardas.

As vanguardas europeias tiveram seu surgimento no início do século XX. O conceito principal deste movimento era a ruptura com academicismo⁷. Foi nesse período, que Europa estava passando, por várias mudanças como avanços tecnológicos e científicos. Surge nessa época ainda vários movimentos,⁸ ou seja, novas concepções artísticas sobre a realidade.

Tais tendências no campo artístico eram advindas mediante o contraste social. Surge aqui dois lado desse constate, de um lado a sociedade burguesa que estava eufórica por causa da economia e do avanço industrial. Já o outro lado, o descontrole e marginalização da classe proletariada e o avanço do desemprego.

Os movimentos emergentes desse período são responsáveis pelos principais manifestos escritos entre 1909 e 1924 que são: Fauvismo, Futurismo, Expressionismo, Cubismo, Dadaísmo e Surrealismo. Mas, o movimento que iremos abordar nesta pesquisa é o surrealismo.

⁷Trata-se de um método de ensino artístico que tem como referência a pintura, a escultura seguindo normas de academias. De modo, que foi concebido e ministrado pelas demais academias de artes europeias.

⁸ Futurismo, Cubismo, Dadaísmo, Expressionismos e Surrealismo.

3.2 Surrealismo

O movimento surrealista surge na França, logo após a primeira Guerra Mundial, no ano de 1924, ano da publicação do *Manifesto Surrealista* de autoria de André Breton. A respeito do movimento, Maurice Nadeau (2008, p.10) em seu livro *História do Surrealismo* destaca que:

[...] um movimento surrealista, cujo nascido coincide, grosso modo, com final da primeira Guerra Mundial e cujo o término, com o desencadear da segunda. Vivido por homens que se exprimem através da poesia, da pintura, do ensaio, ou da conduta de vida, enquanto sucessão de fatos, ele pertence a história, é uma sequência de manifestações no tempo (NADEAU, 2008, p. 10).

O surrealismo é considerado um movimento moderno que procurou representar o irracional do subconsciente. O propósito desse movimento, é que ele manifesta-se através da imaginação livremente sem nenhuma criticidade, o que será valido aqui são apenas os impulsos psíquicos. Caracteriza-se pela maneira de demonstrar espontaneamente e automaticamente impulsos do subconsciente desprezando assim a lógica e os padrões estabelecidos pela sociedade. Maurice Nadeau afirma que:

[...] O surrealismo é considerado por seus fundadores não como uma nova escola artística, mas como um meio de conhecimento, em particularmente de continentes que até então não haviam sido explorados: o inconsciente, o maravilhoso, o sonho, a loucura, os estados de alucinação, em suma, o avesso do cenário lógico (NADEAU, 2008, p. 46).

Os artistas surrealistas abdicam do mundo real e acabam penetrando no mundo irreal. Convém salientar o apreço desses artistas pelo mundo fantástico, de modo que o ser humano acaba perdendo o controle da razão através do contato com emoções mais profundas desse mundo fantástico.

Breton nasce no ano 1896 em Tinchebra, em uma aldeia localizada na França. Somente aos quatro anos de idade é levado para Paris. Aos quinze anos começa a se interessar pela literatura e poesia moderna, onde acaba se apaixonando por Charles Baudelaire, Stéphane Mallarmé, J.-K. Huysmans. Após terminar o segundo grau Breton acaba preparando-se para cursar medicina. Por causa de sua formação em medicina o

mesmo é convocado a ir à Guerra em abril de 1915. No ano de 1916 em uma visita a Paris acaba sendo transferido para um centro de neuropsiquiatria, onde começa a descobrir a psicanálise Freudiana. A partir deste momento da vida de Breton começara a interessar-se pelo funcionamento do pensamento do inconsciente humano, além da interpretações de sonhos.

O que marcará o apogeu deste movimento surrealista é a publicação do *Manifeste du Surréalisme* (Manifesto do Surrealismo), escrito por André Breton em outubro de 1924 e considerado uma das principais correntes vanguardista do século XX. Mas, teremos que voltar no ano de 1919 para entender alguns pormenores deste movimento. Foi neste ano que com a fundação da revista *Littérature*, por André Breton, Philippe Soupault e Louis Aragon, onde ainda Breton fazia parte do movimento Dadaísta. Nadeau descreve um pouco sobre esta revista:

As Lettres de Guerre de Jacques Vaché foram publicadas sob os auspícios do grupo *Littérature*, reunido em torno de uma pequena revista de capa amarela que alardeava três diretores: Louis Aragon, André Breton e Philippe Soupault. Mas ainda estavam distantes do espírito dadá. O que se encontrava de fato aí? [...] Moderno o grupo *Littérature* o é no melhor sentido da palavra, entretanto com preocupações nascentes: revisão de certos valores, pesquisa do porquê e da criação artística, valor do destino do poeta[...] (NADEAU, 2008, p. 29, grifos do autor).

A partir do ano de 1922, Breton e alguns autores acabam abandonado o movimento Dadaísta. Em março deste mesmo ano a revista *Littérature* é publicada, só que em nova versão com uma nova capa e com a direção de Breton e Soupault. Neste momento a revista já não possuía mais nenhuma ligação para com o Dadaísmo e começaram a fazer experimentos com a escrita automática, que se tratava do impulso criativo que se dá por meio do fluxo de consciência que se derrama sobre a obra.

No dia 11 de outubro de 1924 Breton assume-se de fato surrealista é requerido a abertura do “Escritório de pesquisas surrealistas” e logo após alguns dias o mesmo publica o *Manifesto Surrealista*, de modo que neste manifesto haverá relatos sobre a experimentação da escrita automatizada é exposto ainda valoração e os objetivos dos meios de atuação da corrente surrealista e a definição de um conformismo não absoluto.

O *Manifesto Surrealista* vinha propor o reparo, ou seja a restauração dos anseios e sentimentos humanos com o intuito de ter uma nova linguagem artística. A partir desse manifesto os primeiros surrealistas começaram a recorrer às teorias psicanalíticas para formular um novo pensamento poético.

Breton propõe ainda uma nova forma de se encarar a realidade, em que de fato o onírico, o acaso e o maravilhoso venham se contrapor ao pensamento demasiado e lógico. André Breton discorre a definição do surrealismo:

Surrealismo s.m. Automatismo psíquico puro pelo qual se exprime, verbalmente, quer por escrito, quer de outra maneira, o funcionamento real do pensamento. Ditado do pensamento, na ausência de qualquer controle exercido pela razão, fora o do âmbito de qualquer preocupação estética ou moral (NADEAU apud BRETON, 2008, p. 55)⁹.

Breton bebe nas fontes Freudianas e começa a fazer associações de seus estudos surrealistas com a análises dos sonhos. Para tanto, utiliza-se do recurso do automatismo para qualquer tipo de expressão, para que não houvesse nenhum tipo de domínio ou controle, isto é, os surrealistas presavam pela profundidade do pensamento humano no subconsciente. Desta forma, o que almejavam alcançar no plano do subconsciente é o inconsciente. Como Breton (1924) cita em seu manifesto “o surrealismo está ao alcance de todos os inconscientes”.

3.3 Alice no país das maravilhas: um breve resumo da obra

A obra em análise vai tratar da história de uma menina chamada Alice que se sente entediada, pois ficara uma tarde inteira sentada ao lado de sua irmã que estava se deleitando com a leitura de livro. Isto a fez refletir, “[...] ‘e de que serve um livro’, pensou Alice’, ‘sem figuras nem diálogos?’. Assim, refletia com seus botões” (CARROLL, 2009, p.13). De repente a menina avista um coelho branco de vestes elegantes com relógio a mão. Alice acaba por sua vez seguindo coelho, essa perseguição faz com que caia na toca do mesmo.

⁹André Breton, *Manifeste...*

[...] quando de repente um Coelho Branco de olhos cor-de-rosa passou correndo por ela. Não havia nada de tão extraordinário nisso; nem Alice achou assim tão esquisito ouvir o Coelho dizer consigo mesmo: ‘Ai, ai! Vou chegar atrasado demais!’ [...]; mas quando viu o coelho tirar um relógio do bolso do colete e olhar as horas, e depois sair em disparada, Alice se levantou num pulo [...] e, ardendo de curiosidade, correu pela campina atrás dele, ainda a tempo de vê-lo se meter a toda pressa numa grande toca de coelho debaixo da cerca (CARROLL, 2009, p.13-14, grifo do autor).

Alice começa a cair e ao chegar ao fim do túnel se depara com um salão rodeado de portas. “Havia portas ao redor do salão inteiro, mas estavam trancadas”. (CARROLL, 2009, p.17). Ao avistar uma mesinha a menina percebe que em cima dela havia uma pequena chave, no qual abria uma pequena porta que dava para um belíssimo jardim. E, “De repente topou com uma mesinha de três pernas, feita de vidro maciço; sobre ela não havia nada a não ser uma minúscula chave de ouro, e a primeira ideia de Alice foi que devia pertencer alguma a uma portas do salão” (CARROLL, 2009, p.17).

Mas a menina observa que a porta é pequena e não teria como a mesma entrar. Em seguida como em passo de mágica aparecera um frasco e nele havia escrito em rotulo de papel “Beba-me”. Alice como era uma menina ajuizada, observou se tinha alguma inscrição relacionada a ser um veneno. Mas, como não era, a menina bebera. “Como porém nessa garrafa não estava escrito ‘veneno’, Alice arriscou a provar e, achando um gosto muito bom “[...] deu cabo nela num instante” (CARROLL, 2009, p.19, 20).

Após tomar aquele líquido, a garotinha começou a diminuir rapidamente, nesse momento começou a ficar preocupada se estava diminuindo demais. “[...] A ideia deixou um pouco nervosa; ‘pois isso poderia acabar’ [...] me fazendo sumir completamente como uma vela. Nesse caso, como eu seria?” (CARROLL, 2009, p. 20, grifos do autor). Logo Alice pararia de diminuir e percebe que esquecera a chave em cima da mesinha e começou a pensar como faria para pegá-la outra vez.

Imediatamente percebe que debaixo da mesa de vidro havia uma caixinha, dentro dela tinha um bolo com a seguinte instrução “Coma-me”. Após comê-lo a menina começou a crescer rapidamente e por causa disso não conseguira entrar no jardim e acaba se sentindo-se mal e a chorar muito e acaba criando uma lagoa de lágrimas. “[...] logo se deu conta que de que estava na lagoa de lágrimas que chorara

quando tinha quase três metros de altura” (CARROLL, 2009, p. 28). Alice acabou escorregando e caindo na lagoa de lágrimas que criara. Alice consegue nadar até a margem com alguns animais, o Pato, um Dodô, um Papagaio e uma Aguieta:

Era mais que do que hora de ir, pois a lagoa estava ficando apinhada de aves e animais que tinha caído nela; havia Pato, um Dodô, um Papagaio e uma Aguieta, além várias outras criaturas curiosas. Alice tomou a dianteira e o grupo todo nadou até a margem (CARROLL, 2009, p.32).

Quando chegaram em terra firme as criaturas e Alice resolveram fazer uma corrida, pois, estavam molhados e com a corrida acabariam se secando. Quando a corrida terminou todos haviam vencido e como prêmio Alice ganha um dedal de costura, e, “em seguida todos se juntaram em torno dela de novo, enquanto o Dodô a presenteava solenemente com o dedal, dizendo: ‘Humildemente lhe pedimos que aceite este elegante dedal’; e, quando encerrou esse breve discurso, todos aplaudiram” (CARROLL, 2009, p.38).

Em seguida, pediram que o Camundongo lhes contasse uma história e após contar uma triste e longa história Alice acabou reencontrando o Coelho Branco que a confundiu com sua empregada, pedindo que a menina vá até sua casa pegue um par de luvas e um leque. “Logo, logo o Coelho se deu conta da presença de Alice, [...] e chamou-a com voz irritada: ‘Ora essa Mary Ann, que está fazendo aqui? Corra já até em casa e me traga um par de luvas e um leque! Rápido, vá!’”. (CARROLL, 2009, p.43). Alice correu até a casa do Coelho e acaba bebendo outra vez o líquido que a deixa enorme.

Ao retornar a sua casa o Coelho sente-se impedido de entrar na sua casa, já que Alice havia crescido muito. O Coelho acaba jogando pedras pela janela que se transformariam em bolos e come alguns. “Alice notou, com alguma surpresa, que as pedrinhas espalhadas no chão estavam todas virando bolinhos, [...] ‘Se eu comesse um destes bolinhos’, pensou, ‘ele com certeza ele vai produzir alguma no meu tamanho’”. (CARROLL, 2009, p. 51). Ao ficar pequena outra vez, a garotinha corre o mais rápido que pode e acaba parando em um denso bosque.

Durante a sua estadia no bosque Alice encontra um cachorro. “Um enorme filhote de cachorro olhava para ela com seus olhos redondos e graúdos, esticando debilmente uma pata, tentando tocá-la.” (CARROLL, 2009, p.52). Encontrara também uma grande lagarta azul que estava sentada em um cogumelo fumando narguilé. “[...] e o seu olhar encontrou imediatamente o de uma grande lagarta azul, sentada no topo, de braços cruzados, fumando tranquilamente um cumprido narguilé, sem dar a mínima atenção a ela ou qualquer outra coisa.” (CARROLL, 2009, p.54). A lagarta ainda segue dando alguns conselhos a Alice e em seguida a ensina como crescer e diminuir usando cogumelo. [...] Em seguida desceu do cogumelo e foi rastejando pela relva, observando simplesmente, de passagem: “Um lado a fará crescer, e o outro fará diminuir.” (CARROLL, 2009, p.61). Após a menina seguir o que a lagarta lhe ensinara acaba voltando ao seu tamanho normal e retoma sua caminhada pelo bosque.

Nessas andanças, Alice encontra uma casa pequena que por sua vez, acaba reduzindo de tamanho novamente. Lá ela percebe que é a casa da Duquesa. “A porta dava diretamente para uma cozinha ampla, enfumaçada de ponta a ponta: a Duquesa estava sentada no meio, num tamborete de três pés, ninando um bebê.” (CARROLL, 2009, p.70).

O bebê da Duquesa chorava bastante e com isso a mesma acaba se irritando e entrega o bebê pra Alice segura-lo. Ao fazer isso a Duquesa se aproveita da menina e resolve ir jogar croqué com a Rainha de Copas. “‘Tome! Pode niná-lo um pouquinho, se quiser!’ disse a Duquesa a Alice, jogando-lhe o bebê. ‘Preciso me aprontar para jogar croqué com a Rainha’” (CARROLL, 2009, p.74). Ao sair com a criança para bosque Alice percebe que aquele bebê se tornara um porco e o deixou ir embora. “[...] era nem menos que um porco, e lhe pareceu que seria totalmente absurdo continuar carregando-o. Assim colocou a criaturinha no chão e se sentiu muito aliviada ao vê-la caminhar calmamente para o bosque” (CARROLL, 2009, p.75).

Ao deparar-se com o Gato de Cheshire a menina tem um ligeiro sobressalto ao vê-lo sentado em um galho a alguns metros de distâncias dali. Alice fica muito contente ao ver o Gato, pois poderia perguntar para o bichano como sairia daquele lugar sem que

encontrasse gente maluca. “[...] ‘Poderia me dizer, por favor, que caminho devo tomar para ir embora daqui?’” (CARROLL, 2009, p.76). “‘Mas não quero me meter com gente louca’, Alice observou.” (CARROLL, 2009, p.77). O Gato acaba ressaltando que todos que estavam naquele local eram loucos inclusive a própria Alice, “[...] ‘somos todos loucos aqui. Eu sou louco. Você é louca’” (CARROLL, 2009, p.77). Após toda essa discussão, o Gato aconselha ela a ir pelo caminho que dará na casa do Chapeleiro ou pelo da Lebre de Março, o Gato deixa a menina vagorosamente ficando no ar apenas seu sorriso, “‘Bem! Já vi muitas vezes um gato sem sorriso’, pensou Alice; ‘mas um sorriso sem gato! É a coisa mais curiosa que já vi na minha vida!’” (CARROLL, 2009, p.79).

Alice consegue chegar até a casa da Lebre de Março, onde se auto convida para um chá maluco. Se faziam presentes neste chá a Lebre de Março, o Chapeleiro e o Caxinguelê que consiste em ser um pequeno roedor parecido com um esquilo. Todos naquele evento começaram a fazer adivinhações, mas nem eles sabiam ao certo dar as respostas. Cansada daquele chá maluco e cheio de confusões, Alice acaba saindo cuidadosamente. “Seja como for, lá é que não volto mais! exclamou Alice enquanto avançava pelo bosque com cuidado” (CARROLL, 2009, p.91). Por conta disso acabara voltando para o salão onde tudo começou, mas dessa vez a garotinha consegue chegar ao belíssimo jardim que tanto desejava. Logo, “Viu-se novamente no salão comprido, perto da mesinha de vidro. ‘Dessa vez, vou me sair melhor’ [...] e começou por pegar a chavezinha de ouro e destrancar a porta que dava para o jardim” (CARROLL, 2009, p. 91).

A menina descobriu que aquele lindo jardim pertencia a Rainha de Copas e em seguida acaba conhecendo o Rei e a Rainha. “Seguia-os o Valete de Copas, transportando a coroa do Rei numa almofada de veludo vermelho; e por fim, fechando esse grande cortejo, VIERAM O REI E A RAINHA DE COPAS.” (CARROLL, 2009, p.94). A Rainha de Copas era uma pessoa muito brava e cheia de fúria e sempre ordenava “Cortem-lhe a cabeça! Cortem...” (CARROLL, 2009, p.96). Alice acaba sendo convidada para jogar croqué com a Rainha “[...] Sabe jogar croqué? [...] ‘Sei!’

gritou Alice. ‘Então venha urrou a Rainha, e Alice se juntou ao cortejo, muita curiosa do que iria acontecer em seguida.’ (CARROLL, 2009, p.97).

Mas acaba sentindo dificuldades, pois o jogo era bastante difícil e cheio de confusão. O jogo era jogado da seguinte maneira os flamingos serviam como marretas, os ouriços como bolas e as cartas vivas como balizas. “[...] Alice pensou que nunca vira um de croqué tão curioso na sua vida; era cheio de saliências e buracos; as bolas eram ouriços vivos, os malhos, flamingos vivos, e os soldados de se dobrar e se equilibrar sobre as mãos e os pés para formar os arcos” (CARROLL, 2009, p.98).

O jogo será interrompido pelo Gato de Cheshire quando “[...] notou uma curiosa aparição no ar: de início ficou intrigada, mas, depois de observar por um ou dois minutos, concluiu que era um sorriso, e disse para si mesma: ‘É o Gato de Cheshire; agora vou ter com quem conversar’” (CARROLL, 2009, p. 100). Essa interrupção acaba gerando uma grande confusão entre o Rei e o Gato de Cheshire. O Rei pede a Rainha para banir o Gato “[...] ‘Minha cara! Quero banir este gato!’ A Rainha só tinha uma maneira de resolver todas as dificuldades, grandes ou pequenas. ‘Cortem-lhe a cabeça!’ ordenou sem, pestanejar” (CARROLL, 2009, p. 101). Acontece que não tinha como cortar a cabeça do Gato, pois o mesmo só possuía cabeça e não tinha como cortar uma cabeça sem corpo.

Depois de toda aquele tumulto, a Rainha e Alice acabam topando com o Grifo e pede que ele a leve até a Tartaruga Falsa. “Logo toparam com o Grifo, dormindo a sono solto ao sol. ‘De pé preguiçoso!’ [...] ‘E leve esta senhorita para ver a Tartaruga Falsa e ouvir a história dela’” (CARROLL, 2009, p. 109). A Tartaruga Falsa tinha aparência de que vivia sempre triste. Ela e o Grifo começaram contar histórias sobre a escola do mar e em seguida levam a menina para um julgamento. “[...] O julgamento está começando! ‘Vamos!’ gritou o Grifo, e, tomando Alice pela mão saiu correndo” (CARROLL, 2009, p. 126).

O julgamento se tratava de roubo de tortas pertencidas a Rainha de Copas, e o culpado trata-se de um Valete de Copas, mas as provas que tinha conta ele não conseguiam demonstrar nada. Alice fica indignada com o horrível desempenho do

tribunal, sem que ela percebesse estava crescendo outra vez só que lentamente. Posteriormente houve o depoimento das testemunhas, de modo que a primeiro a ser chamado foi o Chapeleiro “A primeira testemunha era o Chapeleiro. Chegou com uma xicara de chá numa das mãos e um pedaço de pão com manteiga na outra” (CARROLL, 2009, p. 130).

Logo após chamaram para depor a Duquesa e Alice. Porém, Alice a todo momento contesta tal julgamento, pois não havia provas concisas contra o julgado. Mas, a Rainha por conta disso acaba distorcendo as coisas e manda que cortem a cabeça de Alice. “‘Cale a boca!’ disse a Rainha, virando um pimentão. ‘Não calo!’ disse Alice. ‘Cortem-lhe a cabeça!’ berrou a Rainha.” (CARROLL, 2009, p.145). Alice em momento algum tem medo e afronta todos os baralhos. “‘Quem se importa com vocês? [...] Não passam de um baralho’” (CARROLL, 2009, p.145). Os baralhos (soldados da Rainha de Copas) atacam a menina. “A essas palavras o baralho inteiro se ergueu no ar e veio voando para cima dela.” (CARROLL, 2009, p. 146). A irmã de Alice á acorda para tomar um chá “‘Acorde, Alice querida!’ disse sua irmã. ‘Mas que sono comprido você dormiu’” (CARROLL, 2009, p. 146). A garotinha conta o seu sonho e volta para casa. Sua irmã por vez, fica imaginando como seria está naquele País das Maravilha.

3.4 Alice e sua ligação com o surrealismo: uma análise de aspectos surreais presente na obra

A obra a ser analisada vem tratar como já foi dito da história de Alice, que em meio um sonho começará a explorar um mundo fantástico cheio de criaturas excêntricas ou até mesmo surreais.

Os aspectos surreais presentes na obra analisada podem ser verificados desde o seu primeiro capítulo, quando a personagem principal segue vestígios da irrealidade colocadas pelo seu meio. “[...] ardendo de curiosidade, correu pela campina atrás dele, ainda a tempo de vê-lo se meter a toda pressa numa grande toca de coelho [...] no instante seguinte, lá estava Alice se enfiando na toca atrás dele, sem nem pensar de que jeito conseguiria sair depois” (CARROLL, 2009, p.14).

Dessa forma, o coelho falante com vestes elegantes que andava entre os jardins será um convite para o inconsciente. Na obra *Aventuras de Alice no País das Maravilhas* o aspecto que tem relação com o inconsciente é o sonho. O próprio Freud aborda que o sonho tende a ser uma própria manifestação do conteúdo do inconsciente. Garcia-Roza (2008) vem afirmar que:

[...] O Inconsciente assinalando que é nas lacunas das manifestações conscientes que temos de procurar o caminho do inconsciente. Essas lacunas vão trazer para o primeiro plano da investigação psicanalítica aquilo que Lacan, seguindo Freud, chamou de “formações do inconsciente”: o sonho, o lapso, o atoalho, o chiste e os sintomas (GARCIA-ROZA, 2008, p. 168).

A coragem que Alice tem de se lançar em um mundo desconhecido cheio de seres fantásticos, o desapego da realidade são um traços marcante do surrealismo, enquanto a expressão do onírico. Segundo D' Avila (2011, p. 11, grifos nosso) “O surrealismo propõe então, a **restauração** de sentimentos humanos e do instinto, assim como a associação e análise dos sonhos”.

Outro aspecto surreal é que quando estaciona de sua queda súbita, Alice começa aumentar e diminuir de tamanho, isto acontece dentro da obra pelo menos umas doze vezes. Percebe-se que dentro da obra essas mudanças de Alice a incomoda “[...]a ideia deixou um pouco nervosa; ‘pois isso poderia acabar’, disse Alice consigo mesma, ‘me fazendo sumir completamente, como uma vela. Nesse caso, como eu seria?’” (CARROLL, 2009, p.20).

Isso ocorre também quando a menina começa a aumentar de tamanho “[...] Mesmo assim, aquilo estava muito desconfortável, e, como parecia não ter a menor possibilidade de sair de seu quarto, não admira que sentisse infeliz” (CARROLL, 2009, p. 46). Na obra tais mudanças repentinas pode ser observadas e comparadas com as mudanças que ocorrem ao longo da vida das crianças como, por exemplo, a puberdade.

Mas, no caso de Alice essas mudanças de tamanhos ocorrem mediante aos desafios que a mesma encontra ao entrar nesse mundo maravilhoso. Além das mudanças de Alice, há também a mudança (transformação) que ocorre com um dos personagens, no caso seria o filho da Duquesa, quando de bebê ele passa a ter aparência física de um porco.

Outros personagens que a obra aborda como Gato Cheshire (que está presente a priori na casa da Duquesa) e a Tartaruga Falsa, cada um deles tem significado real apesar de serem personagens surreais. Gardener (2002) relata que tais personagens como o Gato com sua expressão de está sempre sorrindo irá se referir aos queijos do condado de Cheshire que naquele período tinham aspecto e o jeito de um gato sorridente assim como personagem. Já a Tartaruga Falsa seria uma espécie de sopa de “tartaruga falsa” que era feita com carne de vitela.

Alice depara-se com uma lagarta que está fumando narguilé terá um diálogos com a mesma, tais diálogos provocarão na menina uma crise existencial, ou seja, ela indagará sobre questões da sua identidade ““Eu... eu mal sei Sir, neste exato momento... pelo menos sei quem eu era quando me levantei essa manhã, mas acho que já passei por várias mudanças desde então”” (CARROLL, 2009, p.55). Desta mineira, convêm destacar que Alice ao questionar isso a lagarta busca saber qual seria o seu o papel naquele mundo.

Para tanto, observa-se que esse mundo maravilhoso tende a ser um local onírico, permeado de seres surreais fora da realidade de Alice. Essas criaturas tem tanto atitudes humanas como atitudes dada por loucas. Tal loucura choca Alice que vive no mundo real e é submergida para um mundo não real, um mundo totalmente imaginário. Nota-se que ao longo da narrativa a menina até tenta fugir de toda essa loucura, mas a mesma é encarada pelos personagens como louca também. ““Como sabe que sou louca?” perguntou Alice. ‘Só pode ser’, responde o Gato, ‘ou não teria vindo parar aqui.’” (CARROLL, 2009, p. 77). Convêm ressaltar que, de fato mesmo Alice não percebendo, a pequena teria atitudes de louca, pois Alice pertencia a outro mundo (real) e isso de certa forma acaba tendo conflito entre o mundo externo e o País das Maravilhas.

A todo momento ela tenta a resolução dos seus problemas (naquele lugar) utilizando os conhecimentos aprendidos no mundo real. Vale lembrar que o vínculo entre o real e o maravilhoso está a todo tempo presente nesta obra, pois a narrativa começa no mundo real e como um passo de mágica, já está em um mundo totalmente surreal. Coelho (2010, p.173) afirma que “sentido mágico, do maravilhoso ou absurdo

que pode ser encontrado dentro do cotidiano comum e prosaico” e aborda ainda que Lewis Carroll foi um dos pioneiros a propor isso em suas obras.

Ao longo da narrativa Alice vê-se de frente com o Chapeleiro um personagem totalmente enigmático. Que por sua vez, por causa de uma vingança da Rainha de Copas, o tempo parou de funcionar para ele e com isso sempre são seis horas, a hora do chá que não acaba nunca. Vingança essa que se trava de uma música que o Chapeleiro começará a cantar, mas para Rainha ele estava fora do tempo “‘Bem, eu mal acabara a primeira estrofe’ [...] quando a Rainha deu pulo e berrou: ‘Ele está assassinando o tempo! Cortem-lhe a cabeça’ ‘[...] E desde aquele momento’ ‘[...] Agora são sempre seis horas’” (CARROLL, 2009, p.86). Para menina tentar decifrar e entender a lógica desse personagem tentará colocar-se no lugar do próprio Chapeleiro, não só dele, mas de todos que estavam presente naquele chá maluco. Tendo sempre um comportamento adulto para sua idade:

Alice teve uma ideia luminosa. ‘É por isso que há tanta louça de chá na mesa?’ ‘[...] É por isso’, suspirou o Chapeleiro, ‘é sempre hora do chá e não temos tempo pra lavar a louça nos intervalos.’ Então ficam mudando de lugar para outro em círculos, não é?’ disse Alice. ‘Exatamente’, concordou o Chapeleiro, ‘a medida a louça suja’ (CARROLL, 2009, p.86, grifos do autor).

Dessa forma, é possível observar que por Alice (a personagem) ter sido criada no período vitoriano, ela terá portanto o comportamento de “mini-adulta”, porém nem sempre agirá como a adulta que o próprio período propõem. Brito (2007), vem ratificar que:

A personagem *Alice* foge desse padrão infantil e do padrão de comportamento vitoriano. Ela se aventura, vai atrás da diversão, do diferente, do prazer que essa experiência poderia trazer para ela, sem pensar nas consequências ou na punição. Ela não é uma personagem infantil que segue e/ou prega um específico modelo – ela é, ao contrário, para os padrões vitorianos, ousada, porque não se preocupa com as consequências de seus atos. Ela subverte, portanto, o paradigma de comportamento esperado pela sociedade inglesa vitoriana das crianças e dos adultos, na medida em que as crianças eram vistas como “mini adultos” (BRITO, 2007, p.06, grifos do autor).

Alice vê na fuga para mundo maravilhoso uma maneira de quebrar paradigmas, censurando assim a sociedade opressora da época. A própria Alice foge dos padrões

impostos pela era vitoriana. Porém, apesar dessa “quebra”, a mesma não pode sofrer punições, pois a mesma estará no País das Maravilhas, ridicularizando conceitos presentes na literatura vitoriana, principalmente a figura da rainha. Mas é notório dentro da narrativa que apesar da maioria dos personagens temerem a Rainha de Copas nenhuma daquelas criaturas são executadas de fato.

Ao longo da narrativa a personagem principal acaba enfrentando a Rainha de Copas de uma maneira a se contrapor ao governo e isso é um ato de libertação, tal libertação pode-se ser notada quando Alice no último capítulo a todo momento contesta a Rainha no julgamento das tortas, e quando a mesma ordena que os baralhos a ataquem e a menina acaba acordando daquele sono, saindo assim daquele mundo onírico e voltando para mundo real.

Evidentemente que Alice enfrenta todas os desafios que o País das Maravilhas lhes propõe. Apesar de alguns momentos Alice parecer desorientada dentro do País das Maravilhas, ou seja, dentro de seu sonho. Mas toda essa desorientação que irá desencadear justamente para que ela busque um caminho para casa. Apesar disso, fica nítido que para que ela encontre esse caminho é necessário que através do inconsciente que podemos chamar de País das Maravilhas, busque respostas que lhe retomem e retornem ao caminho da consciência, ou seja, ao mundo em que todas coisas lhe são licitas o mundo real.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao realizar este trabalho foi proposta a investigação e a análise de aspectos surreais dentro da obra *Aventuras de Alice no País das Maravilhas*. Dessa forma tornou-se interessante observar conceitos e explanações que alguns autores trouxeram de contribuições para esta pesquisa. A partir deste momento fez-se apropriação destes conceitos de maneira que se fez possível a análise da obra proposta.

Para isso, foi feito inicialmente o resgate sócio histórico do período em que a obra está inserida. Foi observado que a mesma insere-se no período ou era vitoriana, período este cheio de transformações no campo científico e tecnológico. Uma das mudanças que este período sofreu foi a Revolução Industrial que acabou fomentando que famílias que saíssem do campo para trabalhar nas grandes fábricas, mexendo assim com a cultura da sociedade britânica. Mediante tais mudanças foi feito um apanhado sobre a sociedade vitoriana.

À sociedade daquela época (século XX) foram atribuídos valores aos exemplos propostos pela família real. Essa trazia consigo um rigoroso código de moral e conduta social. Mediante isso foi abordada a literatura deste período, dividida em duas fases: a primeira fase de caráter totalmente moralista e a segunda de caráter esteticista. Além dessas duas fases havia também a literatura pedagógica que tinha como objetivo ajudar na educação de pais para com seus filhos. Ficou evidente que a obra *Aventuras de Alice no País das Maravilhas* teve um distanciamento mediante a essa literatura pedagógica, pois a mesma era de caráter moralizante, sendo que a obra que fora analisada foi escrita como forma de crítica mediante a opressão e o controle posto pela Rainha Vitória.

A relação que este período tem com *Aventuras de Alice no País das Maravilhas* foram traçados quando foi percorrido que as crianças eram tratadas como “mini-adultos” tendo condutas e comportamentos mais sérios, levando essas crianças a seguirem uma série de regras rígidas relacionadas tanto ao seu comportamento quanto à sua educação. Além disso, os britânicos recorriam sempre à literatura para se deleitar quando para conchavos. Os escritores aqui aproveitavam para fazer uma crítica contra

monarquia. A obra de Carroll revelou-se ter uma visão crítica em relação a várias regras e condutas impostas monarquia. Através de sua obra tenta fugir da realidade, refugiando-se para o mundo maravilhoso, pois como trata-se da era vitoriana Dogson foge para escapar de suas cobranças e moral rígida.

Nesse contexto foi feita ainda a caracterização da personagem principal sobre o viés do gênero literário *nonsense*. A partir disso foi feita uma contextualização histórica de quando surgiu esse gênero e a suas principais características. Sendo os principais autores Lewis Carroll e Edward Lear a fazerem uso do *nonsense* em suas poesias. Esses escritores brincam com os conceitos de lógico versus o ilógico e trazem também uma crítica sobre o governo vitoriano. Aponta-se também a correlação do *nonsense* com a Alice e aspectos como inversão, ausência do belo e da emoção, a dança e questões relacionadas a identidade.

Portanto foi feita a escolha de se trabalhar com Lewis Carroll, um grande autor que se destacou em sua época que por sua vez inseriu em suas obras o *nonsense* e aspectos surreais. Assim, utilizou-se como objeto de investigação a obra **Aventuras de Alice no País das Maravilhas**. Procurou-se analisar a ligação que a obra tem com a corrente Surrealismo.

Nesse sentido cabe destacar que foram verificados alguns aspectos que desde do primeiro capítulo pode ser notados, como as criaturas excêntricas que a cercam e os vestígios da irreabilidade apontadas pelo seu meio. Tem-se também o desaparecimento da realidade e as mudanças físicas que Alice sofrera durante a narrativa para enfrentar e lidar com esse mundo tão surreal. E no fim da análise é possível observar que Alice enfrentou a Rainha de Copas como forma de protesto e contestação contra o governo da época. E que apesar de desorientada a menina consegue enfrentar todos os percalços postos pelo País das Maravilhas. Portanto, a obra de Lewis Carroll traz consigo uma ótima leitura tanto para deleite quanto para pesquisas de cunho científico. E de fato Carroll estará sempre além e aquém de seu tempo com suas obras não é à toa que fazem sucesso a mais de 150 anos.

REFERÊNCIAS

ASSIS, Machado de. *Dom Casmurro*. 28ª ed. São Paulo: Ática, 1994.

BASTOS, Lúcia Kopscitz Xavier. *Anotações sobre leitura e nonsense*. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

BRITO, Bruna Perrella. **Alice no País das Maravilhas: Uma crítica à Inglaterra Vitoriana**. Artigo (Graduação) –Projeto todas as letras, Centro de Comunicação e Letras, Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo, 2007. 10 f. Disponível em: <http://www.mackenzie.br/fileadmin/Graduacao/CCL/projeto_todasletras/inicie/BrunaBrito.pdf> Acesso em: 27/08/2017.

CARROLL, Lewis. **As aventuras de Alice no país das maravilhas e Através do espelho**. Introdução e notas Martin Gardner. Trad. Maria Luíza X. de A. Borges. Rio de Janeiro: Zahar, 2002.

_____. **Aventuras de Alice no País das Maravilhas**. Tradução Maria Luíza Xavier de Almeida Borges, Rio de Janeiro: Zahar, 2009.

COELHO, Nelly Novaes. **Panorama Histórico da Literatura infantil/juvenil: das origens indo-europeias ao Brasil contemporâneo**. 5.ed. São Paulo: Amarelis, 2010.

COHEN, Morton N. **Lewis Carroll: Uma biografia**. Tradução de Raffaella de Filippis. Rio de Janeiro: Record, 1998.

D' AVILA, Bruna de Freitas. **O surrealismo português e suas características na poesia de Mário Cesariny de Vasconcelos**. Projeto final de licenciatura em Letras Língua Portuguesa- Departamento de Teoria Literária do Instituto de Letras da Universidade de Brasília, Brasília, 2011. Disponível em <http://bdm.unb.br/bitstream/10483/1900/1/2011_BrunaFreitasDAvila.pdf> Acesso em: 15 /09/ 2017.

GARCIA-ROZA, Luiz Alfredo, 1936- **Freud e o inconsciente** / Luiz Alfredo Garcia Roza. – 24.ed. – Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2009.

GÓES, Lúcia Pimentel. **Introdução à literatura Infantil e Juvenil**. 2.ed. São Paulo: Pioneira, 1991.

MORAIS, Flávia Costa. **Literatura vitoriana e educação moralizante**. São Paulo: Alínea, 2004.

NADEAU, Maurice. **História do Surrealismo**. Tradução Geraldo Gerson de Souza. São Paulo: Perspectiv, 2008.

SEWELL, Elizabeth. **O Campo do Nonsense**. Victoria: Dalkey Archieve Press, 2015

SILVA, Alexander Meireles da. **Literatura Inglesa para Brasileiros**. Rio de Janeiro: Editora Ciência Moderna Ltda., 2005.

STEWART, Susan. **Nonsense: Aspectos da Intertextualidade no Folclore e na Literatura**. Maryland: John Hopkins Press University Press, 1980.

VASCONCELOS, Filomena Aguiar. **Sentidos do não-sentido: contributos para uma reflexão sobre a escrita nonsense**. Revista da Faculdade de Letras “Línguas e literaturas”, Porto, vol. XV, pp. 35-56, 2004.